

Dossiê
Historiografia
educacional sergipana



PALÁCIOS DA REPÚBLICA: os grupos escolares de Sergipe (1911-1926)

PALACE OF THE REPUBLIC:
school groups of Sergipe (1911-1926)

Magno Francisco de Jesus Santos*

RESUMO

Em 1911 a cidade de Aracaju ingressava no cenário da trama da modernização educacional com a implantação do primeiro grupo escolar. Esse modelo de instituição escolar voltado para ensino primário se tornou foco dos embates entre políticos e intelectuais nos três primeiros decênios do século XX. Esse artigo discute o processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Sergipe sob o enfoque do discurso modernizador. Os prédios escolares foram disseminados nas principais cidades sergipanas sob os holofotes da modernização promovida pelos governantes republicanos, criando um contraponto entre o moderno e o atrasado.

Palavras-chave: República; modernidade; grupo escolar.

ABSTRACT

In 1911 the city of Aracaju was entering scenario plot of educational modernization with the implementation of the first school group. This type of educational institution focus ed on primary education became the focus of clashes between politicians and intellectuals in the first three decades of the twentieth century. This article discusses the implementation process of the first groups of school-children Sergipe from the standpoint of modern speech. School buildings were spread in major cities in the limelight Sergipe modernization promoted by Republican leaders, creating a contrast between the modern and late.

Keywords: Republic; modernity; school group.

* Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da professora Martha Campos Abreu. Mestre em Educação e graduado em História pela UFS. E-mail: magnohistoria@gmail.com

INTRODUÇÃO

A partir de 1911 Sergipe assistiu ao lento processo de edificação de edifícios modernos que abrigariam as escolas primárias. A disseminação dos grupos escolares sergipanos teve início no mesmo compasso em que vinha ocorrendo em outros estados da federação, mas o entusiasmo dos defensores desse modelo de instituição esbarrou em inúmeras dificuldades. Falta de recursos e apoio foram entraves a serem vencidos e determinou a letargia na edificação dos prédios que deveriam encantar os sergipanos. Isso demonstra que inexistia uma unanimidade a respeito da difusão das chamadas escolas graduadas. O que ocorreu foi um processo de polêmicas e embates acerca do melhor modelo de edifício escolar para o ensino primário.

Diante dessa constatação, torna-se necessário indagarmos os motivos que levaram a legitimação dos grupos escolares como fruto das ações dos republicanos no campo educacional. Seria esta a vertente vencedora dos embates dos primórdios do século XX? Ou poderíamos dizer que não, que ocorreu uma ressignificação, com a reconfiguração das representações republicanas, apresentando-se como harmoniosa? No alvorecer do regime republicano e do século XX ocorreu em Sergipe um processo de modernização das cidades voltado para o embelezamento e preocupação com o combate ao analfabetismo sob a mácula das pressões sócio-políticas e dos embates entre grupos divergentes. As polêmicas se materializavam nas diferentes esferas da sociedade e a educação não permaneceu imune.

Podemos perceber a existência do entusiasmo pela educação¹ entre as principais lideranças sergipanas, que corroboravam nas discussões a respeito do melhor modelo de instrução a ser adotado na construção da civilização brasileira. Foi nesse cenário de reconfigurações que o ensino primário emergiu como um dos temas mais relevantes. A transformação da sociedade brasileira passava pelos bancos das escolas primárias. Se-

¹ NAGLE, Jorge. *A Educação e a Sociedade brasileira na Primeira República*. São Paulo: EDUC/EDUSR, 1974.

riam essas as instituições que levariam o Brasil ao progresso, seguindo os trilhos da modernidade e da racionalidade.

Certamente os grupos escolares eram as instituições almeçadas, por cumprirem os requisitos do regime recém-implantado, a República. O imaginário republicano na esfera educacional materializou-se na edificação dos grupos, que desde o despertar do novo regime passou a ser disseminada por diferentes estados da Federação. O modelo de escola pautado nos princípios da modernidade tornou-se até certo ponto um anseio dos líderes políticos de diferentes localidades. A escola era apresentada como o “signo da instauração da nova ordem, arma para efetuar o progresso”².

Os grupos escolares foram criados com a incumbência de promover a renovação, tentar configurar a idéia de escola como espaço, como prédio, que até então era pouco expressiva. A arquitetura da escola deveria cumprir, entre muitas funções, um papel de divulgação. No entender de Wolff:

Havia nesse período uma preocupação para que os prédios escolares se distanciassem da aparência residencial e de outros espaços da vida cotidiana e doméstica. Mas, sobretudo, que impressionassem, que causassem admiração, que fizessem aflorar sentimentos e emoções como os espaços religiosos.³

O ideal de renovação pairava sobre a sociedade brasileira nos primeiros decênios republicanos. Os contrapontos entre o velho (visto como qualitativo de atraso, desqualificação e associado ao Império) e novo (visto como qualitativo de moderno, eficiente e associado à República) eram em diferentes momentos apresentados nos discursos das lideranças políticas, médicas e militares. Todavia, a esfera da modernidade havia invadido outros setores da sociedade brasileira, que também buscavam a renovação de seus padrões. Um exemplo elucidativo desse ideal mod-

² CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola e a República. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 8.

³ WOLFF, S. F. Santos. Espaço e educação: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). USP/FAU, p. 52.

ernizador foi a Semana de Arte Moderna que propôs de certo modo uma ruptura com os velhos padrões da academia.

Em Sergipe as propostas de mudanças na esfera cultural também estavam na pauta da intelectualidade local. Foi na segunda década do século XX que ocorreu de modo mais visível a criação de uma estrutura moderna no estado. Sergipe, que desde o início do século XIX ostentava a situação de província emancipada, somente na década de 10 do século seguinte conseguiu criar monumentos, embelezar ruas, praças e prédios públicos e criar instituições culturais que arregimentavam os intelectuais. Entre tais instituições destacou-se o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, fundado em 1912.

Os anos dez e vinte do século XX foram marcados em Sergipe pelos impasses na edificação da memória republicana. Devemos lembrar que a construção dessa memória ocorreu de modo turbulento, em decorrência dos conflitos entre as lideranças políticas locais. Isso resultou na realização de uma batalha no campo mnemônico, na tentativa de se impor a memória de um grupo sobre a do outro. Aos poucos a nomenclatura das ruas foi sendo substituída por homenagens a heróis republicanos do país. As disputas pela memória tornaram-se mais acirradas após a Revolta de Fausto Cardoso em 1906⁴, com a edificação de monumentos públicos e com a nomenclatura dada a ruas, praças e escolas.

Com isso, os monumentos públicos em Sergipe passaram a desempenhar uma dupla função: a primeira a de monumento, de delegar uma imagem de si para o futuro, de criar representações e legitimar os respectivos grupos políticos. A segunda era promover o embelezamento da cidade que auspiciava ser vista como moderna. Foi desse modo que o centro da capital começou a exibir os primeiros traços da modernidade, enquanto os bairros mais distantes amarguravam com a precariedade de sua estrutura. Os lamaçais e a miséria não foram extirpados da cidade de Aracaju no adentrar da República. A cidade crescia e no mesmo compasso emergiam modernidade e exclusão. Mário Cabral registra as lembranças da antiga periferia da cidade, localizada além das dunas:

⁴ SOUZA, Terezinha Oliva de. Impasses no Federalismo Brasileiro: Sergipe e a revolta de Fausto Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: UFS, 1985.

Além das dunas está a Cidade de Palha. São milhares de malocas, de casebres e de mocambos, equilibrados milagrosamente, na areia alva e fina. São construções rústicas, de taipa e palha, que, na encosta das dunas, desafiam todas as leis que regem a espécie. Geralmente têm uma porta e uma janela, com uma sala, um quarto e uma cozinha. Oito, dez, doze pessoas, pais e filhos, tios e cunhados vivem promiscuamente, sem conforto e sem higiene, dormindo no chão, comendo no chão, amando no chão, sofrendo as piores e mais graves enfermidades. No verão as estrelas aparecem através dos buracos da cobertura de palha. No inverno as goteiras dominam tudo, encharcam tudo, aumentando a doença e a miséria. A cidade de Aracaju, amiga, termina na Cidade de Palha.⁵

Como se pode perceber, o manto da República não cobria a todos. As preocupações acerca do embelezamento de Aracaju foram materializadas com as reformas dos palácios e construção dos jardins nas praças públicas.

Diante do palácio em que ocorrera a trágica morte de Fausto Cardoso nascia um dos ícones da modernidade sergipana, o monumento a Fausto Cardoso, cercado de jardins e prédios públicos. A cidade dos manguezais e que era apresentada como inóspita⁶ exibia seu primeiro monumento. Depois vieram outros, demonstrando os embaraçosos impasses pelo poder. Todavia, ao se tratar da edificação da modernidade em Aracaju, não podemos esquecer a novidade tecnológica que permitia a difusão de imagens de modo mais rápido e fiel ao real. Era a fotografia. Os registros fotográficos se tornaram um mecanismo de grande relevância na difusão das imagens de uma cidade que almejava ser vista com seus traços racionais e construções imponentes. Prova disso são os cartões-postais confeccionados nos primeiros anos do século XX e que tinham como paisagem os jardins aracajuanos.

⁵ CABRAL, Mário. Roteiro de Aracaju. 3ª Ed. Aracaju: Banese, 2002, p. 106.

⁶ Para Fernando Porto, Aracaju representa a vitória da geografia, pois os rios e manguezais cederam lugar a uma cidade moderna e próxima ao mar, propiciando o alcance do progresso. Cf. PORTO, Fernando. Cidade de Aracaju (1855-1865): ensaio de evolução urbana. 2ª Ed. Aracaju: SEEC, 1991.

As inaugurações foram constantes nessa época. Apesar de muitos presidentes do estado alegarem a escassez de recursos, as obras públicas eram inauguradas quase sempre com grande pompa, demonstrando a preocupação em promover a imagem dos líderes políticos. Outro instrumento de difusão da memória republicana foi a nomenclatura de obras públicas. Aos poucos as denominações associadas ao Império foram sendo substituídas por uma memória emergente: a dos republicanos. Logradouros e instituições escolares foram criados com nomenclaturas que enalteciam os vencedores, os agentes do golpe de 1889 e seus seguidores. Nesse aspecto, os grupos escolares tornaram-se alvo central da propagação dos ideais republicanos e da memória de seus difusores.

Os grupos escolares foram criados primeiramente no estado de São Paulo, ainda no seio das agitações da queda da Monarquia. Após 1893 esse modelo de instituição escolar, imbuído de elementos atrelados à modernidade passou a ser disseminado em diferentes estados da Federação. Eram os templos de civilização que aos poucos foram adentrando na paisagem urbana das principais cidades brasileiras. Segundo Diana Vidal:

Os grupos Escolares emergiram ao longo das duas primeiras décadas republicanas nos estados do Rio de Janeiro (1897); do Maranhão e do Paraná (1903); de Minas Gerais (1906); da Bahia, do Rio Grande do Norte, do Espírito Santo e de Santa Catarina (1908); do Mato Grosso (1910); de Sergipe (1911); da Paraíba (1916) e Piauí (1922) e somente foram extintos em 1971, com a promulgação da Lei 5692.⁷

Como se pode perceber, a difusão das escolas graduadas no Brasil se estendeu por toda a Primeira República. Paulatinamente, os mais importantes estados foram adotando o modelo de edifício escolar estabelecido pelos paulistas. Em Sergipe os grupos começaram a ser implantados ainda na década de 10 do século XX e também teve influência

⁷ VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas Escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas-SP: Autores Associados, 2005, p. 7.

da experiência de São Paulo. “As viagens de estudo e a ‘importação’ de técnicos constituíram estratégias importantes para a política de reforma do ensino e a implantação dos grupos escolares em Sergipe a partir da segunda década do século XX”.⁸

O intercâmbio entre os intelectuais sergipanos e paulistas foi intenso nesse período, incluindo o menor estado da federação no cenário das discussões a respeito da vanguarda do ensino primário. O modelo adotado em São Paulo tornou-se um sucesso e sua visibilidade irradiou-se por todo o país, em decorrência da racionalização dos métodos de ensino e do caráter espetaculoso da arquitetura dos prédios escolares. Mas o transplante do modelo de ensino primário ia além dos prédios escolares. A escolha de livros didáticos era realizada tendo como vitrine da vanguarda educacional o estado de São Paulo, como demonstra a mensagem apresentada pelo presidente de Sergipe, Pereira Lobo, à Assembleia Legislativa em 1920:

Cumprindo à Diretoria da Instrução providenciar no sentido de uniformidade do ensino, como base mesmo de uma melhor fiscalização, já foram ministradas as instruções a respeito, formulada a lista de livros didáticos, consoante a aprovação pelo conselho Superior de Instrução. Nesta seleção de obras para o ensino primário consulta-se preferencialmente, o adiantado Estado de São Paulo, que, sem contestação, vai primando nestes domínios. É bem de ver, todavia, que em sendo, por enquanto, um trabalho de adaptação, não deixaram de ser consultadas as necessidades de nossas escolas, as exigências do nosso meio, que ainda não comportam o desenvolvimento que se opera naquele grande centro sulista.⁹

Como se pode perceber, os ânimos dos republicanos sergipanos frente ao campo educacional estavam em regozijo. Sergipe estava

⁸ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “A escola no espelho: São Paulo e a implantação dos grupos escolares no Estado de Sergipe”. In: VIDAL, Diana (org). Grupos Escolares. Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas-SP Mercado das Letras, 2006. p. 153-172, p. 153.

⁹ SERGIPE. Mensagem do presidente do estado de Sergipe Joaquim Pereira Lobo dirigida a Assembleia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1920. Aracaju: Imprensa Oficial, 1920. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 06, vol. 85, p. 14.

seguindo os passos do estado de vanguarda para tentar acompanhar os progressos impregnados pela República. Todavia, o governo local reconhece o distanciamento entre as realidades paulista e sergipana, propondo algumas adaptações no programa destinado a seu estado. O espelho paulista ainda parecia ser uma realidade muito distante dos sonhos republicanos locais.

Os primeiros grupos edificados em Sergipe seguiram a tendência arquitetônica dos grupos paulistas, criando-se uma discrepância no cenário urbano das cidades em que eram construídos. A modernidade arquitetônica deveria ser acompanhada pela adequação pedagógica, incrementada pelas mestras oriundas da Escola Normal e pelo uso de novos recursos pedagógicos, muitos dos quais importados dos Estados Unidos e da Europa. Esse era o palco almejado pelas lideranças políticas e intelectuais para promover o espetáculo da educação republicana. Entretanto, na prática, a escassez de recursos e as discordâncias em relação às prioridades desviaram as atenções e retardaram a plena implantação dos grupos escolares com todos os seus equipamentos.

A emergência dos grupos escolares em Sergipe ocorreu no governo de Rodrigues Dória (1908-1911). Foi nesse período que foi formulado um novo regulamento da instrução pública e tiveram incrementos as obras de construção do novo prédio da Escola Normal de Aracaju. Com essas duas ações, a implantação dos grupos estava sendo encaminhada. A modernidade no campo do ensino primário aos poucos seria edificada.

A letargia na incrementação dos grupos escolares em Sergipe fez com que os primeiros prédios fossem vistos como pequenas ilhas da modernidade. Eram pequenos palácios que emergiam em meio aos casebres com aspectos rústicos. A paisagem urbana das cidades começou a transformar-se aos poucos. A primeira ilha de civilização foi edificada anexa a Escola Normal, denominado Grupo Modelo. Apesar do nome de grande relevância para a compreensão historiográfica dos grupos, pouco sabemos a respeito dessa instituição. Até mesmo a localidade do prédio escolar permite questionamentos, pois a documentação referente ao grupo é pouco reveladora dos aspectos arquitetônicos. A informação mais consistente é que ele teria funcionado “anexo à escola Normal”,

servindo para que as alunas desta instituição tivessem a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica em um espaço preparado sob os pressupostos da vanguarda da pedagogia. Para Dantas, “o governo ampliou as instalações do Atheneu, construiu nova sede da Escola Normal e grupo escolar anexo, uma novidade¹⁰.

Todavia, o termo anexo é dúbio. É difícil determinar se o Grupo Modelo teria ou não funcionado no mesmo edifício da imponente Escola Normal do parque Olímpio Campos. Os sinais deixados pela documentação são pouco enfáticos sobre tal questão. O indício mais revelador está presente em uma fotografia do acervo iconográfico Rosa Faria, no Memorial de Sergipe. A fotografia retrata a fachada da Escola Normal, mas traz a informação que ali era o prédio da referida escola e do Grupo Modelo. Considerando essa informação, podemos deduzir que o primeiro grupo escolar de Sergipe funcionou no mesmo prédio da Escola Normal.

O documento que confirma a hipótese de que o primeiro grupo escolar de Sergipe funcionou nas dependências da Escola Normal é um relatório produzido na década seguinte à inauguração. Ao fazer uma retrospectiva histórica do processo de disseminação dos grupos, Graccho Cardoso revela claramente onde tinha sido instalado o Grupo Modelo. Assim, “Em 1911 foi inaugurado nesta capital o primeiro Grupo escolar de iniciativa oficial, no prédio em que de presente funciona a Escola Normal Ruy Barbosa”.¹¹ O presidente de Sergipe não deixou rastros de dúvidas. O Grupo Modelo realmente funcionou no mesmo prédio da escola Normal.

A primeira escola graduada de Sergipe possuía algumas características que a distinguia das demais. Ela era destinada exclusivamente ao alunado feminino e tinha como corpo docente as alunas da Escola Normal. Neste sentido, podemos dizer que além dos propósitos de disseminação dos ideais republicanos e da racionalidade, o Grupo Modelo

¹⁰ DANTAS, Ibarê. História de Sergipe: República (1989-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, p. 34.

¹¹ SERGIPE. Mensagem do presidente do estado de Sergipe Maurício Graccho Cardoso dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1925, ao instalar a 3ª sessão Ordinária da 15ª Legislatura. Aracaju: Imprensa Oficial, 1925. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 07, vol. 86, p. 13.

deveria servir como um espaço de aprimoramento das novas técnicas de ensino, um espaço para que fossem postos em prática os novos pressupostos metodológicos de ensino difundidos na Escola Normal. O termo modelo o distinguia, tanto por ser o pioneiro do gênero, como também por se tornar palco da visibilidade da renovação no cenário educacional. Era um pioneirismo que o distinguia e o moldava como modelo na difusão das escolas graduadas.

O Grupo Escolar Modelo foi a primeira ação do governo sergipano que pôs em prática, no campo do ensino primário, a legislação educacional aprovada com o decreto nº 563 de 12 de agosto de 1911, que predispunha a distribuição do referido nível de ensino em escolas isoladas e grupos escolares. Enfim, ocorria a materialização do modelo adequado de ensino com a implantação de um grupo que tinha entre suas atribuições reger e difundir a pedagogia moderna. Apesar do entusiasmo, o regulamento da Instrução Pública do estado de 1911 reconhecia a necessidade de implantação das criticadas escolas isoladas.

Com a inauguração da Escola Normal e de seu grupo, a cidade de Aracaju estava dotada de um edifício público voltado para a educação sob os auspícios da modernidade. Na paisagem urbana da capital emergia ao lado da catedral um prédio digno dos anseios propagandísticos do regime republicano. Entre os casarões com traçado maculado pela permanência do Império, sobressaía um edifício moderno, majestoso que deveria arrebatrar os olhares dos transeuntes e elevar os ânimos sobre o novo regime.

Devemos lembrar que a demanda educacional sergipana nos primórdios do século XX era considerável. Mesmo com a inauguração de um novo prédio escolar, a necessidade de ampliação das instalações era eminente. Logo após as festividades, na mensagem apresentada a Assembléia, o presidente do Estado, Rodrigues Dória, enfatiza as “diminutas proporções do prédio no qual funcionam a escola normal e o grupo”.¹² Um prédio majestoso e com escassez de salas de aula. Esse é um retrato da situação educacional de Sergipe ao longo dos três

¹² SERGIPE. Mensagem do presidente do estado de Sergipe Rodrigues Dória dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe. Aracaju: Imprensa Oficial, 1911. APES, Diversos Sergipe, Mensagens.

primeiros decênios do século XX. A visibilidade das fachadas mascarava o restrito tamanho das dependências internas dos ícones da modernidade, das ilhas de civilização. Era a educação estética para o povo, que promovia o regime, legitimava novos sujeitos e heróis, mas permanecia sem conseguir alavancar a propagação das primeiras letras.

Apesar da inequívoca carência de prédios escolares, a inauguração do segundo grupo escolar do estado só ocorreu em 1914, no governo do general Siqueira de Menezes. Era o início da tríade militar¹³, que impulsionaria a disseminação dos grupos, mas ainda de forma tímida. O general Siqueira inaugurou o Grupo Central, que se tornou o primeiro edifício construído especificamente destinado ao ensino primário em Sergipe. O prédio apresentava os principais atributos de uma obra republicana. A começar pela localização, pois a escola foi construída no centro da cidade, na Rua Itabaiana, reforçando a necessidade de exibição. A estrutura arquitetônica do prédio também se destacava. Era uma obra que pretendia ser primorosa e encantar os moradores da cidade, reforçar o patriotismo da população.

Se o Grupo Modelo foi ofuscado diante da relevância que possuía a Escola Normal, o Central se tornou o foco dos holofotes da modernidade. Na viagem em busca do progresso, na esfera educacional, Sergipe buscou lançar âncoras nos modernos grupos e apresentava seus primeiros resultados. Neste sentido, mesmo havendo pouca propensão na disseminação dos grupos escolares na década de 10 do século XX, percebe-se que os poucos exemplares desse modelo de instituição escolar foram edificados com características monumentais. Era a demarcação de uma memória, opulenta e representativa dos ideais nos novos tempos.

Foi no governo do general Manuel Prisciliano Oliveira Valladão que ocorreu a maior difusão de grupos escolares em Sergipe até aquele momento. Em sua gestão aconteceram três inaugurações, sendo duas na capital e uma no interior¹⁴. Paulatinamente os grupos escolares iam

¹³ Ao longo da segunda década do século XX Sergipe passou pela chamada tríade militar, pois o Estado teve três presidentes militares consecutivos: general Siqueira de Menezes (1911-1914), general Oliveira Valladão (1914-1918) e coronel Pereira Lobo (1918-1922).

¹⁴ O primeiro grupo escolar do interior sergipano foi inaugurado em 1918 na cidade de Capela. Era o Grupo Escolar Coelho e Campos.

moldando o espaço urbano da capital, reconfigurando a imagem de uma cidade moderna. Para Berger:

É de iniciativa de Oliveira Valladão (1914-1918) a construção de vários Grupos Escolares, dois deles situados na Capital de Sergipe – O Grupo Escolar General Valladão e o Grupo Escolar Barão de Maruim. O primeiro estabelecimento funcionou até certo tempo, no prédio onde se encontra instalado, atualmente, a Secretaria de Segurança Pública, na praça Tobias Barreto. O outro grupo escolar também de estilo arquitetônico eclético, localizava-se na Avenida Ivo do Prado, funcionando até 1950 no prédio onde se instala depois a antiga Faculdade de Direito.¹⁵

O terceiro grupo da capital sergipana (Grupo Escolar Barão de Maruim) passou por um processo diferenciado. Ele foi edificado sob os alicerces do antigo Asylo Nossa Senhora da Pureza, no bairro Carro Quebrado, em um terreno que tivera sido doado pelo Barão de Maruim no penúltimo quartel do século XIX. Apesar de ser edificado sob os alicerces de uma construção do século anterior, o edifício do novo grupo buscou atender aos princípios da modernidade. As obras estavam em consonância com as propostas da pedagogia moderna, com os ideais republicanos e com os modernos princípios arquitetônicos. Sob o rótulo de modernidade clássica, o ecletismo arquitetônico disseminou-se nos prédios públicos do Estado. A adaptação do projeto foi responsabilidade do engenheiro Firmo Freire.

Ainda no governo de Oliveira Valladão foram inaugurados os grupos General Valladão, em Aracaju e o Coelho e Campos, o primeiro do interior sergipano. Esses prédios seguiram os mesmos padrões arquitetônicos dos demais, caracterizados pela imponência das fachadas, presença de porões e pátios. Eram edifícios atribuídos da compleição exigida pelo regime vigente, que deveria se fazer mostrar. Contudo, a partir da edificação e inauguração desses grupos ocorre em Sergipe um

¹⁵ BERGER, Miguel André. “O Grupo Escolar Dr. Manuel Luís”. In: VII Semana de História da UFS. São Cristóvão: DHI/UFS, 2004. p. 94-103, p. 99.

momento de silêncio, uma trégua na disseminação dos prédios majestosos. Os burburinhos das inaugurações desapareceram temporariamente do cenário político-social sergipano.

O que teria causado a trégua desse bulício? As razões enumeradas pelo presidente do estado eram muitas, mas nem sempre muito convincentes. O governo do coronel Pereira Lobo enfatizava a importância em continuar propagando as ilhas de civilização pelo estado, mas alegava sempre a escassez de recursos, provocada principalmente pela voraz crise econômica¹⁶ que atingiu o estado em sua gestão.

A experiência continua a demonstrar que o Grupo é indubitavelmente o tipo de escola que melhor corresponde às exigências do ensino. Infelizmente, a terrível depressão financeira porque passou o nosso Estado, no decorrer deste ano, paralisou por completo as nossas forças, impossibilitando-me, consequentemente, de pôr em exercício tudo quanto de melhoramentos tinha em vista executar em benefício do nosso Estado. Por este motivo ficou interrompida a construção do Grupo Escolar de Estância, não podendo pela mesma razão ser iniciados os trabalhos de aproveitar o velho palácio de São Cristóvão, adquirido pelo Estado para tal fim. O Grupo de Villanova, que, aliás, se acha construído, espera ainda melhor oportunidade para a sua inauguração. Oxalá que antes de terminar o meu governo, as condições financeiras do Estado tenha tomado aspecto mais lisonjeiro, permitindo-me deste modo favorecer aquelas cidades

¹⁶ Após a Primeira Guerra Mundial alguns problemas sociais afetaram Sergipe e aumentou a situação de calamidade pública. Trata-se da epidemia de gripe espanhola que grassou parte da população e retornou com o pânico da morte. Nesse período, a economia local parecia estar usufruindo das benesses do aumento das exportações, o que fez aumentar a arrecadação, como demonstram as mensagens dos presidentes do estado (General Valadão e Pereira Lobo). Contudo, em 1921 teve início uma queda das exportações, que redundaram na paralisação das escassas obras impregnadas no governo Pereira Lobo. Esse dois episódios tornaram a gestão do coronel Pereira Lobo pouco frutífera, causando-lhe muitas críticas a seu governo pelos opositores. Sobre o governo Pereira Lobo pode ser consultado Dantas, que explica o seguinte: “Pereira Lobo, ainda nas festas de posse, em outubro de 1918, deparou-se com um problema gravíssimo. Era o surto da gripe espanhola que se espalhava por praticamente todas as cidades e vilas do Estado, sendo registrados 25.910 casos, resultando em 997 mortes”. Cf. DANTAS, Op. Cit., p. 37.

de grande população escolar com esses melhoramentos de tão alta relevância.¹⁷

As vozes não foram silenciadas por completo. Alguns rumores ecoavam nos relatórios, empolgados com a construção de novos prédios escolares no interior e a cogitação de se criar novos grupos. Os discursos dimanavam do governo que tentava evidenciar os avanços de seus investimentos no campo educacional e ressaltar a relevância de espargir os grupos escolares pelo estado. Pereira Lobo, mesmo sem inaugurar sequer um grupo ao longo de sua gestão, sempre buscou reforçar a necessidade da incrementação dos modernos edifícios escolares pelo estado, substituindo as criticadas e ainda sempre presentes escolas isoladas.

Isso demonstra que no governo republicano o espetáculo nem sempre ocorria com festividades, com grandes eventos públicos. A retórica¹⁸ republicana também foi usada como instrumento de legitimação do regime. As palavras buscavam elevar a flama da população pela modernidade que estava sendo edificada. Observe-se, por exemplo, a mensagem presidencial de Pereira Lobo:

Dotados de material apropriado, diretamente adquirido na América do Norte, funcionam, presentemente no Estado cinco bons Grupos Escolares: Modelo, General Siqueira, General Valadão, Barão de Maroim, na capital; e Coelho e Campos, em Capela. À exceção do Modelo, especialmente para meninas, todos os outros servem a ambos os sexos, funcionando alguns em dois turnos, para melhor distribuição de trabalho e maior amplitude de matrícula. Recebendo os derradeiros reparos, para uma próxima inauguração, conta-se mais o Grupo de Vila Nova, construído com muito gosto e em obediência ao tipo das edificações escolares.

¹⁷ SERGIPE. Mensagem do presidente do estado de Sergipe Pereira Lobo dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1921, ao instalar a 2ª sessão Ordinária da 14ª Legislatura. Aracaju: Imprensa Oficial, 1921. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 04, vol. 83, p. 18.

¹⁸ Retórica aparece no sentido de eloquência discursiva, da oratória predominante nas falas de lideranças políticas, fosse por meio de comícios e pronunciamentos públicos, fosse por meio de textos publicados na imprensa local.

Muito adiantada também vai a construção do grupo Escolar da cidade de Estância. É uma outra obra de valor incontestável e que virá, para breve, trazer àquela cidade grande surto à sua instrução primária. Já foram, por igual, dados os primeiros passos para a adaptação do velho palácio presidencial, na cidade de S. Cristóvão, a um Grupo Escolar.¹⁹

A mensagem presidencial é reveladora. Primeiro pelo fato do presidente associar a modernização do ensino com a compra de recursos didáticos dos Estados Unidos, destinados especialmente aos grupos. Trata-se de um indício das representações acerca da cultura material escolar nos primeiros anos republicanos. A modernização do ensino deveria passar sempre por modelos exógenos: materiais didáticos da América do Norte, livros didáticos e modelo de prédios escolares de São Paulo. Sergipe planeava o seu ingresso na modernidade educacional vislumbrando as vitrines paulistas e norte-americanas.

Pereira Lobo ressalta o estado de adiantamento das obras dos grupos do interior do estado, afirmando os projetos de futuras expansões dessas escolas por novos municípios. Esse adiantamento seria bruscamente interrompido pela crise econômica, que fez criar um lapso no processo de edificação da escola graduada. Outro ponto importante apresentado pelo coronel Pereira Lobo foi sobre a possível adaptação do prédio do antigo palácio provincial para que fosse instalado um grupo escolar. Esse seria mais um caso em que não teria a construção de um prédio moderno, mas sim, apenas a reforma de uma construção antiga, como se deu em Capela e, em certa medida, com o Grupo Barão de Maruim²⁰ em

¹⁹ SERGIPE, Op. Cit., p. 18.

²⁰ Não podemos dizer que o prédio onde funcionou o Grupo Escolar Barão de Maruim fosse uma construção antiga adaptada aos novos padrões arquitetônicos destinados às escolas graduadas. Trata-se de uma construção que foi edificada sob os alicerces do antigo Asylo Nossa Senhora da Pureza, que tinha sido abandonada no final do século XIX. Nesse caso, percebemos que ocorreu a edificação de um novo prédio aproveitando apenas a estrutura do antigo asilo, como atestam os pronunciamentos do engenheiro Firmo Freire (O ESTADO DE SERGIPE, 1917) e o estudo monográfico de Magno Santos. Cf.: SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Além do Silêncio: espaço, arquitetura e educação no Grupo Escolar Barão de Maruim. São Cristóvão, 2005. 113 f. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

Aracaju. Os prédios dos grupos nem sempre foram os responsáveis por aduzir uma nova imagem para as cidades, pois muitas vezes, somente a criação do grupo já representava a expressão da modernidade.

A maior disseminação dos grupos escolares em Sergipe ocorreu no governo de Graccho Cardoso (1922-1926). Aproveitando-se da estabilidade econômica do estado e das construções não concluídas pelo governo antecessor, ele promoveu um chorrilho de inaugurações das ilhas de modernidade pelos mais diversos municípios. A capital foi a cidade que deteve maior atenção do presidente, com a construção de inúmeros prédios escolares, além de novas instituições científicas, sociais e de saúde pública.

O processo de inaugurações executado por Graccho Cardoso teve início na cidade de Estância, com a criação do Grupo Escolar Gumersindo Bessa. No mesmo ano foi inaugurada a escola graduada de São Cristóvão. Foi a criação do Grupo Vigário Barroso, que ocupou o prédio da antiga prisão. Com isso, a velha capital também passava a ser beneficiada com o ensino primário graduado, a contar com uma escola racionalizada e moderna, que poderia preparar os alunos para que se tornassem civilizados e aptos para o trabalho urbano, especialmente o fabril.

Em 1924 foram construídos mais dois prédios escolares, sendo um na capital e o outro no interior. O do interior foi o Grupo Escolar Sílvio Romero, na cidade de Lagarto. Com uma construção imponente, a cidade passou a desfrutar das benesses da ilha de civilização que adentrava os municípios do interior sergipano. Já o primeiro, não se tratava de um novo grupo escolar, mas apenas uma readaptação. Dois grupos escolares da capital tiveram que ser transferidos para novos prédios, motivados pela instalação do batalhão da polícia militar e de uma faculdade²¹. Assim alegou o governo de Graccho Cardoso:

²¹ Graccho Cardoso tentou implantar o ensino superior em Sergipe com a criação de duas faculdades e um instituto. As faculdades foram instaladas provisoriamente nos melhores prédios públicos da cidade, ou seja, nos edifícios onde funcionavam os grupos escolares. Com isso, foram inauguradas a Faculdade de Farmácia e Odontologia Aníbal Freire e a Faculdade Livre de Direito Tobias Barreto, além do Instituto de Química. As três instituições passaram a fomentar os anseios dos sergipanos, de terem instituições de nível superior no estado.

Devido à premente necessidade, no Grupo Escolar General Siqueira foi alojado o Batalhão Policial Militar do Estado, dada a imprestabilidade do quartel então existente, o governo já contratou, porém, com o construtor Hugo Bozzi, a elevação de um novo prédio em substituição àquele, respeitada em absoluto a antiga denominação, em homenagem ao ilustre ex-presidente do Estado. As classes desse grupo foram temporariamente transferidas para o edifício do antigo Grupo General Valladão, hoje em dia Faculdade Livre de Direito Tobias Barreto.²²

Entretanto, havia outra justificativa maior para a transferência desses grupos. A proximidade dos prédios estava acarretando na redução do número de alunos matriculados, impedindo a disseminação dos novos pressupostos metodológicos e a consolidação da modernidade pedagógica. Para a administração Graccho Cardoso:

Em razão de se acharem situados mui próximos um do outro, na distancia media talvez de menos de trezentos metros, os grupos escolares General Valladão, Barão de Maroim e General Siqueira, é que foi feita a mudança do primeiro para o edifício construído, o ano transato, à rua da Victoria. Tal circunstancia implicou ainda para que fosse localizado no edifício em que funcionava o Grupo General Siqueira o Batalhão Policial, havendo para tal utilização recebido as adaptações imprescindíveis. Não tardará que o que lhe vae substituir se erga em lugar conveniente.²³

A justificativa do presidente nos induz a refletir sobre um problema gerado na implantação dos grupos escolares em Sergipe. Em decorrência da proximidade dos edifícios havia uma distribuição

²² Mensagem do presidente do estado de Sergipe Maurício Graccho Cardoso dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1925, ao instalar a 3ª sessão Ordinária da 15ª Legislatura. Aracaju: Imprensa Oficial, 1925. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 07, vol. 86, p. 14.

²³ Mensagem do presidente do estado de Sergipe Maurício Graccho Cardoso dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1924, ao instalar a 2ª sessão Ordinária da 15ª Legislatura. Aracaju: Imprensa Oficial, 1924. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 06, vol. 85, p. 14.

distorcida dos alunos. Devemos lembrar que, uma das características dessa categoria de escola era a localização privilegiada, nas proximidades do centro da cidade. A excessiva proximidade desses prédios escolares resultou na rarefação dos alunos, que ficavam dispersos em três instituições. A eloquência dos discursos arquitetônicos se proliferava nos arredores do centro da capital, constituindo uma paisagem cercada de palacetes. Neste sentido, entre os prédios públicos sedes do poder político emergiam os grupos escolares, com a incumbência de atribuir um novo sentido aos transeuntes, de confirmar aos olhares as preocupações do governo no campo da educação.

No ano seguinte, o presidente buscou intensificar o ritmo de inaugurações, concluindo as obras inacabadas deixadas pelo seu antecessor, o coronel Pereira Lobo. Nisso, novos prédios escolares foram entregues, entre eles o de Vilanova. Estrategicamente, Graccho Cardoso promoveu algumas alterações no projeto do prédio, dotando-lhe de características que remetiam à sua administração. Era uma forma de criticar a gestão anterior e legitimar seu nome como um presidente construtor, empreendedor e condutor da modernidade. Isso acarretou na diminuição estética dos edifícios construídos por Pereira Lobo:

Tendo começado a minha gestão a 24 de Outubro de 1922, inaugurava, em Maio de 1923, o primeiro grupo escolar na cidade de Estância, sob o patronímico de Gumersindo Bessa. Essa obra durou de 1918 aos fins de 1922, sendo pecuniariamente solvido o respectivo contrato na atual administração. Veio logo depois o Grupo Olympio Campos, em Villanova, iniciado também em 1917, para servir de reunião de escolas. Já encontrei acabada a construção desse edifício, que é péssima, limitando-me, simplesmente, a rematar o respectivo acabamento, quando de sua entrega a população.²⁴

Sob a batuta de Graccho Cardoso as cidades sergipanas foram transformadas em verdadeiros canteiros de obras, incitando o processo

²⁴ Idem.

de modernização e de embelezamento que tinha eclodido na década anterior. No cenário urbano emergiam palacetes imponentes que se impunham sobre os logradouros com o olhar vigilante das águias²⁵, prontas para o vôo. Essa ave se tornou símbolo maior das construções realizadas na gestão de Graccho Cardoso, representando a visão profícua e perspicaz. Na mensagem de 1924 o governo enumera as inaugurações dos novos prédios que abrigariam os grupos escolares.

Foram terminadas as construções dos grupos escolares “Dr. Manuel Luiz”, General Valladão, e “José Augusto Ferraz”, nesta capital, “Severiano Cardoso”, em Boquim; o de Simão Dias e as escolas reunidas de Santo Amaro. A concluir-se está o Grupo “Coronel João Fernandes”, em Propriá.²⁶

Como pode ser observado, de imediato Graccho Cardoso buscou inaugurar uma série de prédios que atenderiam ao ensino primário. No total foram onze edifícios construídos na sua gestão, quase todos com um mesmo traçado arquitetônico, marcados pela imponência da fachada e presença das águias. Com isso, na era dos grupos escolares sergipanos, Graccho Cardoso foi o presidente que mais difundiu esse tipo de instituição, a modalidade de escola primária graduada. O perfil majestoso dos prédios que se impunham na paisagem urbana das principais cidades sergipanas, criando ao mesmo tempo imagens de escola pública como prédio público e de cidade moderna, que progredia com os avanços da educação. O imaginário republicano foi exposto nas paredes dos prédios escolares. Os projetos dos grupos não eram apenas

²⁵ A administração de Graccho Cardoso foi marcada pelas polêmicas e gastos onerosos com as obras públicas. Tratou-se de uma gestão que acelerou o processo de auto-propaganda tendo como vitrine as obras. Com isso, percebemos que nos primeiros anos da década de 20 do século XX as obras estavam imbuídas do sentido de se forjar uma identidade presidente/obra, criador-criatura. Os lugares sociais foram redefinidos, com a reaproximação do Estado em relação a Igreja Católica e construção de grandes edifícios públicos com o designativo de seu governo: a águia. Ela simbolizava a tentativa de constituir uma administração que visualizasse o futuro, que tivesse um olhar de longo alcance. Sobre esse assunto, ver, por exemplo: SANTANA, Antônio Samarone de. *As Febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios*. Aracaju: S. E., 2005.

²⁶ SERGIPE, Op. Cit., p. 22.

de uma escola racionalizada, mas também um desígnio de um país que buscava exasperadamente planejar a civilização.

O governo de Graccho Cardoso marcou o apogeu e o declínio da difusão dos grupos escolares em Sergipe. Após a sua gestão ocorreu mais um lapso no processo de propagação desse modelo de instituição e com o retorno, na década seguinte, as características arquitetônicas já não eram as mesmas. A racionalidade tinha sido fortalecida e o traçado tornou-se mais simples, excluindo a ornamentação neoclássica. A imponência tinha sido reduzida bruscamente. No período compreendido entre 1911 e 1926 foram inaugurados 14 grupos e 16 prédios escolares, com características monumentais. As obras foram financiadas pelo governo do estado ou fruto de doações de particulares ou campanhas educacionais. Os grupos criados nesse período encontram-se relacionados no Quadro I:

QUADRO I

Relação dos prédios dos grupos escolares de Sergipe criados entre 1911-1924²⁷

Ano de inauguração	Nome da instituição	Cidade	Governo em que foi construído	Origem do prédio/terreno
1911	Grupo Modelo	Aracaju	Rodrigues Dória	Escola Normal, construída pelo Estado
1914	Grupo Central	Aracaju	General Siqueira de Menezes	Construído pelo Estado para o próprio fim
1917	Grupo Escolar Barão de Maroim	Aracaju	General Oliveira Valadão	Construído pelo Estado no terreno doado pelo Barão de Maroim
1918	Grupo Escolar General Valladão	Aracaju	General Oliveira Valadão	Construção financiada por campanha realizada pelos sócios do Comício Agrícola
1918	Grupo Escolar Coelho e Campos	Capela	General Oliveira Valadão	Prédio doado pelo ministro Coelho e Campos
1923	Grupo Escolar Gumersindo Bessa	Estância	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1923	Grupo Escolar Vigário Barroso	São Cristóvão	Graccho Cardoso	Antiga cadeia da cidade
1923	Grupo Escolar General Valladão	Aracaju	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado

²⁷ Fonte: mensagens apresentadas pelos presidentes do estado entre 1911 e 1926. APES. Quadro elaborado pelo autor.

1924	Grupo escolar Sylvio Romero	Lagarto	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1924	Grupo Escolar Dr. Manuel Luiz	Aracaju	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1925	Grupo Escolar José Augusto Ferraz	Aracaju	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado no terreno doado por Thales Ferraz
1925	Grupo Escolar Fausto Cardoso	Anápolis ²⁸	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1925	Grupo Escolar Coronel João Fernandes	Propriá	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1925	Grupo Escolar Olympio Campos	Vilanova	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado
1926	Grupo Escolar Coelho e Campos	Capela	Graccho Cardoso	Permuta de prédio por melhor acomodação
1926	Grupo Escolar Severiano Cardoso	Boquim	Graccho Cardoso	Construído pelo Estado

O Quadro I é elucidativo por apresentar o destaque que o governo de Graccho Cardoso atribuiu na disseminação dos grupos escolares. Dos dezesseis prédios entregues a população sergipana entre 1911 e 1926, onze foram inaugurados pelo dito presidente. Se os grupos eram vistos como espaços difusores da modernidade pelo estado de Sergipe, Graccho Cardoso foi o responsável pela consolidação dessas ilhas de civilização. Devemos ressaltar que dois desses grupos inaugurados por Graccho já estavam praticamente conclusos, na ocasião em que assumiu o governo, mesmo assim, o número de obras de sua gestão é bastante significativo. Outro ponto relevante a respeito do quadro é o fato de que esse discurso arquitetônico atribuído à modernidade nem sempre correspondia ao que era posto em prática. Alguns grupos foram instalados em prédios adaptados para tal fim, em decorrência das doações de prédios e terrenos por lideranças políticas locais. Essa foi uma prática comum tanto em São Paulo como em Sergipe. Podemos

²⁸ Atual município de Simão Dias. O topônimo Anápolis foi estabelecido pela Lei 621 de 25 de outubro de 1912, no governo do general José de Siqueira de Menezes e perdurou até o Decreto-lei 533 de 7 de dezembro de 1944, que retomou com a denominação original (BARRETO, 2008, p. 24).

enxergar essa prática como uma tentativa de legitimação política, pois o doador benevolente sempre era agraciado com a homenagem na nomenclatura da instituição criada no edifício²⁹.

Ainda sobre a readaptação de prédios antigos para funcionarem como grupos escolares são elucidativos os casos dos grupos Barão de Maruim, Silvio Romero e Vigário Barroso. Nos três casos as velhas edificações foram reaproveitadas para a implantação dos grupos. Isso demonstra que o discurso pedagógico modernizador nem sempre foi posto em prática por meio de novos edifícios, mas sim por meio de prédios adaptados para o exercício do magistério. Embora essa constatação pareça contraditória com os propósitos divulgados na imprensa, podemos elucubrar sobre alguns pontos relevantes. No caso do Grupo Barão de Maruim, não existiu um ajustamento estrutural radical, pois no prédio em ruínas já tinha funcionado uma escola, o Asilo Nossa senhora da Pureza, que foi responsável pela formação de órfãs desvalidas. Já o Grupo Vigário Barroso, instalado no centro histórico da ex-capital, São Cristóvão e o Silvio Romero de Lagarto foram ajustados à arquitetura dos prédios das antigas cadeias públicas. Além disso, em Anápolis (atual Simão Dias) chegou a cogitar-se a implantação do Grupo Escolar Simão Dias na antiga cadeia, que só não foi concretizada em decorrência das condições de higiene.

Isso demonstra que no âmbito arquitetônico educacional, não havia muita distinção entre o prédio escolar e o da prisão. Os dois estavam voltados para condicionar os corpos, para moldar a sociedade à regalia dos anseios do poder, ou seja, pacata e obediente ao Estado e ao patrão. Um elemento simbólico que galgou destaque no cenário educacional e profissional sergipano foi a inserção da sineta e do relógio, que se tornaram presentes nas escolas e remetiam ao controle das ações educacionais, cronometrando as atividades assim como faziam as sirenes das fábricas. Podemos interpretar a inserção desses instrumentos de controle como uma tentativa de tornar os corpos de alunos obedientes

²⁹ Em Sergipe os dois casos mais elucidativos são os grupos escolares criados no governo do general Valadão, no terreno e prédio doados respectivamente pelo Barão de Maruim (João Gomes de Mello) e senador José Luiz Coelho e Campos.

aos ruídos, de se criar uma reação mecânica ao som da sineta.

Outro dado substancial na compreensão do universo educacional primário sergipano no alvorecer do século XX é em relação às permutas dos prédios escolares, devido a necessidade de se instalar outras instituições, como quartéis policiais e faculdades. Mais uma vez percebemos a proximidade dos prédios de escolas primárias e quartéis, demonstrando que os discursos que comparavam essas duas instituições não estavam construindo uma mera alegoria, mas sim reproduzindo a visão arquitetônica vigente a época. Por essa perspectiva, as cidades que iam edificando seus grupos escolares estavam se guarnecendo, construindo quartéis em que se formariam os futuros soldados defensores da nação.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. III – Século XX. 2ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005. p. 68-77.

BERGER, Miguel André. BERGER, Miguel André. “O Grupo Escolar Dr. Manuel Luís”. In: *VII Semana de História da UFS*. São Cristóvão: DHI/UFS, 2004. p. 94-103.

CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. 3ª Ed. Aracaju: Banese, 2002.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A Escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe: República (1989-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

_____. *Coronelismo e Dominação*. Aracaju: UFS-PROEX, CECAC, 1987.

FREITAS, Itamar. *A Escrita da História na Casa de Sergipe - 1913*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

NAGLE, Jorge. *A Educação e a Sociedade brasileira na Primeira República*. São Paulo: EDUC/EDUSP, 1974.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. "A escola no espelho: São Paulo e a implantação dos grupos escolares no Estado de Sergipe". In: VIDAL, Diana (org). *Grupos Escolares*. Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas-SP. Mercado das Letras, 2006. p. 153-172.

NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PORTO, Fernando. *Cidade de Aracaju (1855-1865): ensaio de evolução urbana*. 2ª Ed. Aracaju: SEEC, 1991.

SANTANA, Antônio Samarone de. *As Febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios*. Aracaju: S. E, 2005.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Além do Silêncio: espaço, arquitetura e educação no Grupo Escolar Barão de Maroim*. São Cristóvão, 2005. 113 f. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

SERGIPE. *Collecção de leis decretos do Estado de Sergipe de 1919*. Aracaju: Imprensa Oficial, 1920.

_____. Programma para o curso primário nos Grupos Escolares e escolas isoladas do Estado de Sergipe. In: *Estado de Sergipe*. 15-02-1917, nº 5123.

_____. Programma para o curso primário elementar e regulamento do Instituto de Chimica de 1924. In: *Diário Oficial do Estado de Sergipe*. 21-12-1924, nº 1470. APES, Educação, E6 1220, doc. s/n.

_____. *Programma de Linguagem*. APES, Educação, E6 1220, doc. s/n.

_____. *Mensagem do presidente do estado de Sergipe Maurício Graccho Cardoso dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1924, ao instalar a 2ª sessão Ordinária da 15ª Legislatura*. Aracaju: Imprensa Oficial, 1924. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 06, vol. 85.

_____. *Mensagem do presidente do estado de Sergipe Maurício Graccho*

Cardoso dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1925, ao instalar a 3ª sessão Ordinária da 15ª Legislatura. Aracaju: Imprensa Oficial, 1925. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 07, vol. 86.

_____. Mensagem do presidente do estado de Sergipe Pereira Lobo dirigida a Assembléia Legislativa de Sergipe em 07 de setembro de 1921, ao instalar a 2ª sessão Ordinária da 14ª Legislatura. Aracaju: Imprensa Oficial, 1921. APES, Diversos Sergipe, Mensagens. Cx. 05, doc. 04, vol. 83.

SOUZA, Terezinha Oliva de. *Impasses no Federalismo Brasileiro: Sergipe e a revolta de Fausto Cardoso*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: UFS, 1985.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas Escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.

WOLFF, S. F. Santos. *Espaço e educação: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). USP/FAU.

Artigo recebido em junho de 2011. Aprovado em julho de 2011.

Revista do IHGSE, n. 41, 2011

